

# Tecnologia da Informação e Contemporaneidade: do Trabalho entre 0 e 1

## Information Technology and Contemporaneity: the Work Between 0 and 1

**Resumo:** As atividades do trabalhador em Tecnologia da Informação (TI), bem como suas características peculiares e possíveis desdobramentos em saúde mental é o tema que guia as problematizações deste artigo. Ainda que a emergência de um grande número de profissionais dedicados a esta área torne-a um importante campo para a psicologia que pensa o trabalho, não vemos atualmente no Brasil uma grande produção de trabalhos sobre o tema. O presente artigo apresenta uma perspectiva possível sobre o trabalho em TI, problematizando especialmente dois aspectos da sua produção: os modos de organização do trabalho, pensando as transformações da lógica fabril-disciplinar para as novas capturas do controle contemporâneo, e o desenvolvimento de linguagens e *softwares*, pensando as tensões entre padrão e diferença nesta atividade;

**Palavras-chave:** Tecnologia da Informação. Trabalho. Contemporaneidade.

**Abstract:** The activities performed by the Information Technology worker, specific features and its possible consequences on mental health is the theme that permeates the scenario displayed in this article. Even though there has been an increase in numbers of professionals from this area to such an extent that it became valuable for the psychology field that deals with labor issues, we do not believe enough research on the subject was done in Brazil. This text presents one possible perspective on the work in IT, discussing two aspects of its production: the ways of organizing work, considering the transformations on the factory-disciplinary logic to the new captures of contemporary control, and the development of languages and software, considering the tensions between pattern and difference in such activity.

**Keywords:** Information technology. Work. Contemporaneity.

POERSCH, Ana Luisa; COSTA, Luis Artur. Tecnologia da Informação e Contemporaneidade: do trabalho entre 0 e 1. *Informática na Educação: teoria e prática*, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 19-30, jul./dez. 2014.

Ana Luisa Poersch

Faculdade de Desenvolvimento do Rio Grande do Sul

Luis Artur Costa

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Uma outra linguagem. Uma outra lógica. O trabalho com desenvolvimento de *software* vem se transformando ao longo das últimas décadas, destacando-se paulatinamente junto à movimentação mercadológica mundial. Passados os períodos dos computadores gigantes, máquinas produtivas com válvulas e superaquecimentos constantes, hoje beira à produção do *invisível*, quanto menor e mais simples, melhor, mais automatizado se torna. A Tecnologia da Informação é a uma das principais moduladoras do fenômeno complexo ao qual costumamos denominar globalização: é seu principal modo de produção e produto a um só tempo. Com seus processos descentralizados, seu tempo volúvel, seu território perene e sua geografia sem limites, maximiza as possibilidades de fluxo, crescimento e queda do capital. Abstrata, apresenta capturas com-

plexas e fugas intensas. Desde um lugar sem fronteiras os trabalhadores da Tecnologia da Informação estão conectados a uma *máquina mundo* sentados às mesas de trabalho. Sua atividade cotidiana por vezes se assemelha a um jogo lúdico, sujeitos experimentam mundos em suas telas. São inúmeras ferramentas de comunicação, redes de compartilhamento, idiomas, informações, sotaques e culturas: todos vinculados a um mesmo fluxograma, discutindo uma mesma solução, passível de ser aplicada e replicada. É um desvendar códigos, um quebra-cabeças de peças criadas por uma rede em movimento constante de profissionais espalhados pelo globo, um labirinto de possibilidades.

Um outro modo de realizar sonhos. Arquitetam-se sites, setores, empresas inteiras em uma tela.

## 1 Do Chão de Fábrica à Fábrica de Software

Pensar a subjetividade em suas conexões com o trabalho implica pensar os modos como as experiências do trabalho conformam modos de agir, pensar, sentir e trabalhar associados a momentos definidos – mais ou menos duráveis – que evocam a conexão entre diferentes elementos, valores, necessidades e projetos. (TITTONI; NARDI, 2011, p. 375)

A Revolução Industrial foi a revolução das Máquinas. Datada do início do século XVIII, sabemos que se vive até hoje os efeitos do que foi este acontecimento. Produção de cidadãos, de modos de viver, de trabalhar, de pensar e organizar. No momento em que o homem passa a ter domínio sobre as máquinas, a concepção artesanal da produção toma rumos até então inexistentes. A instituição Indústria permeará

a família, a comunidade, e a política de uma maneira diferente, propiciando novos arranjos em suas relações. Atravessará, por fim, a vida daqueles que foram protagonistas da ocasião e de todas as gerações subseqüentes a esta época. O trabalho, antes familiar, passa a ser processual. Os ateliers, antes formados por um número pequeno de pessoas, cedem espaço às fábricas, do singular haverá o movimento da massa.

Na fábrica, pela primeira vez, o tempo dos homens se transforma no tempo do trabalho (FOUCAULT, 2009), em espaços de confinamento que demarcam, no entanto, o dentro e o fora. Cocco e Vilarim (2009) problematizam esta passagem pontuando, no que chamam de Capitalismo Industrial, que as métricas para os padrões de produção podiam facilmente ser definidas a partir do momento em que se estabelecia um espaço de produção bem delimitado, atrelado a uma unidade de tempo, um tempo que era facilmente identificável e destacado do “mundo da vida” (COCCO; VILARIM, 2009, p. 174).

Aos poucos o Estado ensaia passos de afastamento enquanto instituição maior. Novas forças atravessam o poder. Forças estas capazes de gerar, três séculos depois, crises globais, em proporções infinitamente maiores àquelas vivenciadas entre familiares no interior do atelier. A produção se reproduz em produções. Os modos de produção fabris, contudo, seguem vivos em diversas realidades cujas fronteiras geográficas se redesenham em blocos, mesclando conexões e modos de trabalhar e viver.

A contemporaneidade nos convoca, portanto, a uma flexibilização em relação ao próprio conceito de trabalho (GIACOMEL *et al.*, 2003), entendendo que ele já não permite, em distintos espaços, a aplicação das mesmas regras e métricas. Segundo Cocco e Vilarim (2009)

tem-se delineado uma produção que extrapola os limites funcionais da organização, que exige a recomposição de trabalho manual e trabalho da mente, com algum tipo de cooperação e colaboração constantes por parte de quem produz. Ao mesmo tempo esta produção compreende um tipo de trabalho não mais petrificado e restrito a um ambiente fabril, confundindo até mesmo quem é produtor e quem é consumidor. Neste cenário, os autores trazem à discussão o conceito de trabalho imaterial:

O trabalho imaterial não pode ser entendido simplesmente como um trabalho intelectual, mas como um trabalho que se caracteriza pela maleabilidade, pela capacidade de inserir-se em qualquer situação. Talvez essa possa ser a característica mais marcante da nova força de trabalho, essa plasticidade que permite ao trabalhador inserir-se a todo o momento na imaterialidade dos fluxos produtivos. (GIACOMEL *et al.*, 2003, p. 140)

Se o trabalho não está mais sepultado nos espaços fabris, ele viaja através de todo o tecido social. A ação disciplinária que produz controle atuando sobre os corpos nos distintos centros institucionais cede terreno frente à comunicação, à produção linguística, e à geração de desejos e afetos, todas elas ferramentas que induzem ao controle em qualquer parcela da vida cotidiana, em uma produção que vai muito além da velha fábrica (MORÉU; TIRADO, 2004).

Para Tittoni e Nardi (2011) o mercado emerge como um dispositivo de modelagem de subjetividade forjado a partir da lógica do custo-benefício, produzindo “[...] sujeitos empreendedores de si mesmos [...]” (TITTONI; NARDI, 2011, p. 377), que devem acreditar que são individualmente capazes de sucesso em um mundo marcado pela competição como valor central.

A Fábrica de *Software* (ambiente de produção em TI) entra na vida e nos lares dos trabalhadores em Tecnologia da Informação. Através de discretos dispositivos, a produção e o produto acompanham os trabalhadores, tornando o *espaço fábrica* uma imagem que compõe outros espaços e tempos da vida cotidiana. Pode-se acessar, desde qualquer máquina, todo o sistema desenvolvido no trabalho, pode-se levar a máquina da empresa a outros ambientes. A memória e a inteligência do produto são parte dos sujeitos que os idealizam. O tempo de viver e o tempo de trabalhar se atravessam e se fundem, não havendo mais a demarcação de fronteiras ou diferenciação outrora experienciadas:

O trabalho imaterial incide na subjetividade humana. É um trabalho afetivo, já que seus produtos são inatingíveis: sentimento de bem-estar, satisfação, paixão, inclusive a sensação de pertencimento a uma comunidade ou grupo. (GIACOMEL *et al.*, 2003, p. 140)

Ainda nesta composição, sem fronteiras entre pessoal e profissional, lazer e atribuições, muitas empresas vêm propondo um novo fluxo ao trazer para o ambiente profissional diversos fatores da vida pessoal de seus trabalhadores. É notável a propagação de instituições de TI que nas suas instalações disponibilizam salas de lazer (com *vídeo-games*, poltronas de descanso, jogos), lanchonetes, quadras de esporte e uma infraestrutura completa para que seus empregados se sintam bem no ambiente de trabalho. A vida levada ao trabalho, o trabalho tornado vida.

Sob a ótica do capitalismo contemporâneo, não interessa mais a submissão individual a uma organização do trabalho científica, mas uma submissão dos níveis de socialização por meio das capacidades comunicativas e afeti-

vas do trabalhador. “O laço social está cada vez mais fundado na circulação da informação [...]”, menciona Michel Serres (2000, p. 134). Nesse sentido, a subjetividade do trabalho, aqui entendida enquanto constituinte, também está inserida em um processo social no qual o sujeito é ao mesmo tempo produto e produtor (COCCO; VILARIM, 2009).

Nesse sentido, termos como disciplina e rigidez, característicos da era industrial, atualmente cedem espaço para exigências de criatividade e flexibilidade. O trabalhador da tecnologia da informação precisa ser paradoxalmente criativo – posto que inserido no modelo do processo; flexível em seu tempo e disponibilidade, em troca de uma liberdade muito maior na sua atuação cotidiana. É quase um autônomo – ou Pessoa Jurídica, vinculação contratual muito comum em TI, dentro da empresa de atuação. O trabalhador é transformado em colaborador, destruindo assim a solidariedade clássica operária, através da competição interna, da individualização de salários e da transformação das relações entre os pares por relações entre clientes, em que células de produção trabalham com e para seus clientes internos, por exemplo, (TITTONI; NARDI, 2011).

O surgimento do setor de serviços contribui muito na formulação desta realidade. O trabalho flutua de acordo com a demanda. O cliente, personalizado e ao mesmo tempo global, exige cada vez mais de seu fornecedor, abrindo margem a disputas que se tornam ilegais na luta por sua conquista e fidelidade.

Disputas que transitam inicialmente por questões contratuais na relação empresa-trabalhador (uma vez que quanto menor for o salário do trabalhador, melhor para o lucro do empresário) e que geram implicações e sucateamentos importantes no coletivo destes tra-

balhadores, que não mais se veem enquanto tal. O vínculo de trabalho, antes mais formal e uniforme, hoje, quando informal, beira à invisibilidade, não garantindo mais segurança ao trabalhador, visto como alguém que está de passagem, que não desenvolverá sua carreira dentro da mesma empresa, como outrora ocorria.

Henrique Nardi (2006) problematiza que se antes o trabalhador era vigiado e disciplinado, em cambio a empresa oferecia-lhe segurança – salário, saúde, previdência. O preço da suposta liberdade do trabalhador contemporâneo – vigente em um horário mais flexível, hierarquias menos aparentes, dentre outros artefatos velados, é a perda destas garantias, com um aumento potencial da responsabilidade perante respostas antes dadas somente pelos gestores e hierarquicamente superiores. Para o trabalhador imaterial contemporâneo, a excitação ligada ao aumento da autonomia deve ser mais importante que o medo e a insegurança decorrentes das dificuldades de planejar o futuro. “A segurança da carreira é substituída, no discurso, pelas múltiplas possibilidades oferecidas pelo trabalho em rede, o qual, ao multiplicar os contatos, multiplica as possibilidades de inserção em novos projetos” (NARDI, 2006, p. 120).

Ainda neste contexto, pensando a programação de sistemas, a disputa pela manutenção de mercado vem construindo, paralelamente, alternativas questionáveis de produção de operadores de personalização por parte da TI para o capitalismo contemporâneo: ferramentas de captura, que através de registros de bancos de dados, acessos e demais usos da rede direcionam a anúncios específicos, páginas relacionadas e sugestões alinhadas aos modos de produção de subjetividade característicos de seguimentos específicos da popula-

ção. Não é o comercial da televisão que muda de acordo com o programa e o horário. A imposição dos anúncios na web passa a ser individualizada, alinhada a um usuário específico. Adianta-se um desejo por vir. Captura-se o que ainda não é, para tornar um 'vir a ser' padronizado. Controle programado. Não é mais de fora, vem de dentro: no trabalho, nos desejos, nos corpos. Pode-se pensar na passagem de um regime disciplinar para o regime do (auto) controle (NARDI, 2006). Trata-se de deslocar o controle exterior dos modelos científicos como o taylorista – fazendo uso de ferramentas como o cronômetro, o controle do número de peças produzidas, o controle de supervisores e a velocidade da esteira na linha de montagem, etc., para o autocontrole:

[...] as novas organizações do trabalho demandam um trabalhador mais flexível, com habilidades pessoais e de relacionamento que permitam o trabalho em equipe, as quais são consideradas tão importantes quanto às habilidades técnicas para a função. O trabalhador deve se tornar mais 'autônomo' (embora a informática tenha permitido um controle direto da produtividade, sem a necessidade de níveis hierárquicos intermediários), com maior poder para tomar decisões sem a supervisão dos chefes imediatos [...]. Em contraponto, deve assumir os riscos da produção. (NARDI, 2006, p. 66)

É neste cenário de transformação que a Tecnologia da Informação vem se solidificando. Neste modo paradoxal de trabalhar, onde se é ao mesmo tempo equipe e indivíduo, pessoa física e jurídica. Onde se é trabalhador e proprietário (de uma idéia, de um conhecimento) de uma empresa. Realidade em que a empresa é o próprio ser humano e o trabalho não é mais do corpo, mas sim *o corpo*. O corpo em algoritmos. O corpo atemporal contemporâneo.

## 2 Do Tempo Controlado, do Corpo Controlado

Em entrevista a Toni Negri, Gilles Deleuze pontua:

A cada tipo de sociedade, evidentemente, podemos encontrar um tipo de máquina correspondente: máquinas simples ou dinâmicas para as sociedades de soberania, máquinas energéticas para as sociedades disciplinares, as cibernéticas e computadores para as sociedades de controle. Mas as máquinas nada explicam. É necessário analisar os agenciamentos coletivos entre os quais as máquinas são apenas uma parte. (DELEUZE, 1992, p. 216)

A partir da provocação de Deleuze, podemos pensar na diversidade de tramas, máquinas e tempos que em conexões atravessam o espaço de produção em tecnologia da informação. Sugerimos ainda, que cada tipo de sociedade tem também um relógio que a caracteriza na regulação do trabalho e da vida. A sociedade de controle da informática que aqui problematizamos não possui um relógio gigantesco exposto à parede de uma grande fábrica de produção. Cada máquina, computador, cada telefone celular, leva consigo, um relógio, como se tal equipamento fosse inerente ao instrumento. Então, cada um tem o seu, os seus relógios que apitam, piscam, despertam, recordam reuniões, encontros, datas, aniversários. Ele não é olhado, como que para uma consulta, ele se faz olhar, ele avisa, ele grita, ele chama.

E no chamado do relógio há uma demarcação. No mínimo, a que o tempo passou. Evidência que remete à finitude. E esse homem da TI que tanto pode – uma vez que há evidente *glamorização* deste campo de trabalho,

por ser um dos poucos aos quais faltam profissionais no mercado – confronta-se com a falta.

O tempo, para Giongo (2000), com seus limites nos movimentos de ir e vir, poderia operar como regulador simbólico na vida destes profissionais, entretanto, pensando na organização atual do trabalho ele já não exerce mais esta função. Em lugar de um trabalho regulado por limites definidos – tempo de trabalho, no qual o gozo teoricamente não pertence ao trabalhador, e o tempo livre, regulado pelo próprio profissional – emerge um tempo que precisa se tornar absolutamente produtivo, e são desconsiderados os seus limites: “[...] há uma tarefa que precisa ser cumprida num desafio aos ponteiros do relógio [...]” (GIONGO, 2000, p. 266).

No trabalho em Tecnologia da Informação os ponteiros do relógio obedecem a mais de um fuso horário, e a disponibilidade tem de ser absoluta. Do contrário, corre-se o risco de parecer inflexível. O termo flexibilidade, contrário aos duros padrões de desenvolvimento, é muito solicitado nas entrevistas de trabalho. Há aí um paradoxo interessante: o profissional tem de ser flexível, os padrões em TI não o são. Não suficientes todos os mecanismos legislativos de organização trabalhista, há um controle coletivo dessa disponibilidade. Os agenciamentos de regulação do trabalho passam pela percepção moral da disponibilidade do sujeito trabalhador.

É sabido também que tempo funciona como medida para se calcular a produtividade: na TI, são inúmeros os modos de se proporcionar medições, projeções de entrega, custos dos *softwares*, baseados em metodologias rígidas na tentativa de obtenção de estimativas praticamente exatas para produção de um sistema. Medidas diretas – custo, esforço, linhas de código, velocidade de execução, memória,

número de erros, e medidas indiretas – funcionalidade, qualidade, complexidade, eficiência, confiabilidade, manutenibilidade, esbarram-se, contudo, no fator subjetividade:

A medição é algo comum no mundo da engenharia. A engenharia de software está longe de ter uma medição padrão amplamente aceita e com resultados sem fatores subjetivos. Há discordâncias sobre o que medir e como avaliar o resultado obtido das medições. (WIKIPÉDIA MÉTRICA DE SOFTWARE, 2014)

O tempo de cada um. Não o tempo de cada máquina. Tempo de menos, tempo demais. O tempo do vazio, do intervalo, pode tomar proporções temerosas, posto que potência de vida é também descontrole, descompasso, desperdício. No universo da TI, parece que o tempo de pensar é reduzido em relação ao tempo de raciocinar. Conceitualmente, o tempo de pensar é caracterizado por Deleuze (1992) como um raro ato de transgressão do senso comum – para o qual necessita-se da possibilidade de se perder para produzir diferença; enquanto que o tempo de raciocinar fala de uma planificação que torna a tudo inteligível e simétrico. A medição valoriza o tempo de raciocinar, a lógica desta produção, teoricamente, não permite brechas – o que não significa que elas ali não se deem.

### **3 Da Escrita do Trabalho Entre 0 e 1**

Os algoritmos 0 e 1, e código do cifrão (\$). Um pela digitalização e outro pelo valor de mercado, permitem a criação de analogias entre os seres e eventos: pode-se comparar-igualar e medir as relações de qualquer fluxo do globo terrestre desde que se utilizando destes mediadores produtores, principalmente,

mas não exclusivamente, de homogeneidade. Com a simplicidade de sua numeração formam-se conjuntos complexos de arranjos que pretendem expressar ao mundo todos seus elementos. Conectores-tradutores universais, tanto o capital quanto o digital propõem-se a ligar diferentes elementos do mundo conectando-os e, por vezes, igualando-os através de uma mediação numérica, seja ela financeira, com valor econômico, ou computacional, com características tornadas informações simples. Assim como a escrita do capital segue os protocolos da economia internacional e sua ampla gama de leis, acordos e regulamentos a escrita do código, inicialmente repetitiva e monótona, tem toda uma estrutura a ser seguida: padrões internacionais, frameworks para desenvolvimento, um sem fim de vocabulários técnicos e signos. Um escrito em outro idioma.

Escrito para leitores restritos, bem verdade, que está por detrás da letra que emerge na tela do computador. Escrito de vocabulário comum, mas com interpretações singulares, que ficam ali, escondidas, até o erro 'denunciá-las', pois que é na denúncia da transgressão do código dado que se faz o novo. Por entre as escritas padronizadas há um autor que com sua lógica singular versa um sistema. Inventava, experimenta. Sujeito que com sua história e atravessamentos únicos produz, naquele instante, um texto. Um texto a ser desvendado, um texto a ser comprado. É escrita de produção, afirmada em uma estética binária e estrutural, desenhando arquiteturas verticais de escolhas entre o sim e o não. Mas é também invenção, posto que difícil de replicar, plena de artifícios singulares, gambiarras imateriais, embora a metodologia de desenvolvimento o desejasse replicável por completo. Difícil porque é sempre uma produção singular, por mais padrões que haja. Seriam os erros, fugas? Padrões

dando espaço à potência? Então surge uma infinidade de multiplicidades em algo que deveria ser homogêneo. Surge a diferença onde deveria ser igual. Então o erro não é só erro. É, por fim, produção de si, desvio, criação.

A principal captura destes escritos é a submissão a um *imperativo hiperativo*, ou, ao incremento de velocidade e lucro. O código-escrito é transmissão: do que vem de fora, do que impera, do que deve ser feito. Ele (re) produz desejos, discursos. Ele captura, domestica. No processo, o trabalhador-escritor da tecnologia da informação é o tradutor. Doa seu corpo, sua lógica, seu raciocínio para materializar o imaterial. Para escrever o que não é dito, relacionar o que a princípio é desconexo. Para escrever, individualmente, o que é, inicialmente, da ordem do impessoal.

Produção repartida. Acrescida. Em grandes projetos, o código é escrito a muitas mãos. Centenas, milhares. A comunicação por muitas vezes falha. São muitas línguas menores no mesmo fluxo molar. Os trabalhadores entre o 0 e 1 um se constituem em uma rede virtual de colaboradores a constituir uma grande obra imaterial a partir das mais diversas e singulares perspectivas. No entanto, evidentemente, diversos moduladores se agenciam a esta e buscam dar um tom único a sua criação. Por vezes o escritor-desenvolvedor do *software* está servindo para conectar o digital ao capital, fazendo o primeiro funcionar em função do segundo, simplificando as potências de criação em prol de um fim restritivo. Ele não produz implicando seu desejo. Modo de produção que Engelman e Fonseca (2004) denunciarão como forma de consumir a vida em um excesso de valores que não foram construídos coletivamente, nem por processos, nem por trajetórias, mas que são inculcados e digeridos pelos sujeitos em razão de interesses externos a eles, heterônomos, ao

mesmo tempo hegemônicos ao nosso sistema consumista da sociedade atual.

Um dilema entre singularidade e coletivizações que vê uma série de fugas possíveis no caso dos trabalhadores da TI e sua atividade de tecer o mundo intenso e denso que habitam através do écran do computador. A poética da multidão em sua produção coletiva de línguas menores a interferirem umas sobre as outras em um imenso laboratório mundial é uma das linhas estilísticas possíveis para a fuga da submissão da força afetivo-criativa do desenvolvedor de *softwares* a um sistema duro que busca o máximo de replicação, previsão e velocidade.

#### **4 Das Brechas no Tempo: o coletivo como estratégia de resistência**

O vazio da pane: reinicia-se uma máquina, retoma-se o que se fazia. Mas algo é possível nesta pausa, para além da angústia. É o momento de conversar, pedir, circular, quiçá mesmo o servidor precise de um tempo para se restabelecer. É o tempo do corpo sair de um lugar concreto para permitir a troca. Hora de andar, olhar, afetar(se). A paisagem externa, o som do ambiente – e não mais o dos fones de ouvido, a música dos passos, saltos, tudo em evidência. Alto. Quase incômodo. Uma brecha de potência. Hora de retomar uma foto, uma conversa, uma transmissão de conhecimento. Um intervalo infinito em seus efeitos. Sem padrões. Sem códigos, fluxos, onde tudo se agrega ao invés de excluir. Muitas pessoas, muitas linhas, muito movimento. Troca-se de lugar, senta-se ao lado e não em frente.

E ao voltar, algo está diferente. Novos fluxos pedem passagem, em meio a forças, ações, em meio a encontros. Já não mais são corpos-identidade, únicos e isolados. O coletivo se movimenta para além das linhas de produção,

da composição conjunta de partes. O coletivo faz-se ali, no imprevisto. E deste coletivo podem nascer alternativas de invenção, de novos modos de trabalhar, de produzir e produzir-se enquanto sujeito, enquanto singular na diferença. Em meio a inúmeros chamados do trabalho contemporâneo, o desafio é potencializar os escritores do código, instigá-los a problematizar a ordem, a dedicação exacerbada, o processo 'único'. É instigá-los a criar, a permitir (se), a inventar:

Essa composição empresarial voltada menos para o trabalho material e mais para o imaterial implica um processo de produção de afetos, vinculando-se diretamente às relações, aos encontros, à comunicação. A sua produção mostra-se imbricada na ferramenta encarnada do trabalhador, no seu corpo/cérebro, e não mais somente nos meios de produção, nas ferramentas externas, possibilitando a criação de virtuais, de novos possíveis no trabalho, uma vez que opera por meio de afecções, conexões sempre singulares e múltiplas, envolvendo inteligência, afeto, co-operação e desejo. (ENGELMAN; FONSECA, 2004, p. 59)

De fato, uma experiência coletiva no trabalho pode vir a ser um dispositivo de produção de subjetividade. Agencia-se outras maneiras de trabalhar coletivamente, ou até mesmo individualmente, rompendo com sobrecodificações relacionadas a normatizações e regras tradicionalmente totalitárias do trabalho contemporâneo. A abertura de espaços públicos para discussão das alternativas e sobre como realizá-las configura-se como resistências possíveis. (GIACOMEL *et al.*, 2003).

Um movimento: da máquina para o encontro. O trabalho na TI, em geral muito compartimentado, não permite sequer a visualização das estratégias de controle de produção, estas que vão além do ponto, prazos, entregas,



horários (comuns a todos os trabalhadores imersos no capitalismo). A vivência da parte, do pedaço, em geral não implica a sensação do todo, do produto que se faz ou ainda qual a utilidade dele. Uma execução de luxo, sem maiores implicações. A fábrica de *software*, tal qual a da indústria, produz em partes, cabe ao analista uma visão mais ampla do sistema, esta, poucas vezes transmitida aos demais.

A maioria dos programadores nem se interessa, pode-se pensar em um primeiro momento. A queixa geral é a de que eles não são responsáveis, fazem códigos medianos, quando na maioria das vezes sequer saibam o que estão fazendo. Sozinhos, isolados em suas máquinas, de fato muitas vezes nem perguntam do que se trata. São números, regras, mais sistemas, não interessa o destinatário. A diferença fica guardada, isolada. Formam-se no trabalho indivíduos fechados em si, e não sujeitos constituídos nas relações que os compõem coletivamente. Na TI os trabalhadores em geral são muito jovens, o que pode ser pensado como a maior dificuldade ou a maior possibilidade de potência. É um desafio. Diariamente as oportunidades e seus enunciados lhes oferecem remuneração, carreira, sucesso. Poucos discursos questionam, implicam, desconcertam. Estes em geral são afastados. Os problemas são escondidos, as vivências tendem a ser individuais e individualizadas pelos discursos circundantes.

O coletivo como estratégia de resistência nos permite ensaiar em outras direções. Para Engelman e Fonseca (2004, p. 59), pode-se falar em um coletivo “[...] quando a multidão se torna um [...]”, quando se assume sua condição de multiplicidade e se pulveriza, modificando os objetivos a cada conquista, não se deixando dominar e buscando sempre outros caminhos e outras formas de agir e de pensar. Para Amador (2009), o trabalho, de caráter

fundamentalmente social, implica sempre uma confrontação ao real a qual não é diretamente dada, passando assim pela mediação de uma ação sobre este real, ação que permite a experiência do que faz resistência. Abrindo-se espaço ao coletivo no trabalho, abrem-se então possibilidades de ação, de criação, de rupturas e invenções. Invenções como potência, invenções como resistência. Resistência como criação. Não se trata de um voltar-se contra à produção. Mas para além dela, poder criar(se) modificar-se, não se deixando passar despercebido, passivamente aberto a todos os discursos.

Para as organizações o desafio passa pelo desenvolvimento de formas de gerir que acolham as diferenças de sua composição, fomentando modos de fazer e subjetivar de maneira que cada um possa ser recepcionado em sua singularidade, ao mesmo tempo colaborando com os outros em nome de um projeto de produção do novo trabalho (FONSECA *et al.*, 2008). O conceito de multidão é uma ferramenta que auxilia a pensar este desafio, pensando a organização como dispositivo de promoção de um território comum da multiplicidade de potências que constituem as corporações:

A multidão é um conjunto de heterogeneidades que, pelo seu funcionamento, atua como um plano de composição de diferentes modos de trabalho, visões de mundo, desejos, concepções estéticas, sexuais e de gênero, enfim, corporificações do ‘fora’ que se encontram num fazer [...] Cada multidão que se realiza opera de forma única e irrepetível [*sic*], na medida das forças que a animam e das virtualidades que possam ser tocadas. (FONSECA *et al.*, 2008, p. 512)

É no exercício da expressão, seja no espaço dado à palavra ou na permeabilidade da organização a diferentes estilos e formas de gestão

na brecha entre trabalho prescrito e real – ali onde cada um singulariza-se – que se pode acolher a diferença, produzindo o comum, na negociação do *como* fazer no trabalho. (FONSECA *et al.*, 2008). Os dispositivos para isso parecem mais complexos do que de fato o são. Em meio a um universo tão cibernético, o que desconcerta não é o astronômico, mas o singular, o óbvio. Uma palavra, uma pergunta, uma discussão. Um encontro. A diferença. Um poema. Atividades que fujam ao estereótipo, que tencionem o ambiente comumente tão silencioso.

Acionado pelo coletivo como multidão, o trabalho, por sua vez, pode ser um dispositivo que, apesar da lógica capitalista, fomente a constituição de uma comunidade que se afete mutuamente na construção de um espaço público que permita a produção de uma experiência de criação coletiva não coibida por hierarquias ou burocracias. “O sentimento de filiação associado a esta vivência de criação, combinado com a experiência de fazer-se sujeito, é o suporte para a tão sonhada motivação e comprometimento dos colaboradores”. (FONSECA *et al.*, 2008, p. 513)

Um quadro branco em meio à fábrica de *software*, uma cena: três pessoas discutem possibilidades de uma arquitetura de *software*, cada qual munida de uma caneta com coloração diferente. A escrita, coletiva, se compõe de diferentes cores, letras, corpos, vivências. A discussão cria, recria, atravessa-se. São escritas de uma produção, na tentativa de soluções que conjuntamente nascem e se potencializam: para a produção do produto e produzindo-se a si. Dali estes sujeitos saem diferentes.

A solução passa pelo conhecimento, pela técnica, pela experiência, pela criação. O coletivo como dispositivo, o trabalho como dispositivo, a atividade como dispositivo. Da concretude da prescrição à diferença da produção, o trabalho entre 0 e 1 é infinito. Entende-se aqui o trabalho, acima de tudo, como afirmação da vida. Nas palavras de Amador,

[...] nas linhas de um esforço pelo qual ela [a vida] anseia por preservar-se, abrindo horizontes pela afirmação de suas potências numa efetiva consistência ética. Aquela que, no trabalho, escapa às dimensões transcendentais de suas normas, reinvestindo-as com potência imanente transcendental que determina uma diferença qualitativa dos modos de existência, de si e do próprio trabalho, pela atividade. (AMADOR, 2009, p. 97)

É tempo de criação, de afirmação, de diferença. Tempo de trabalho, de resistência como potência, de singelas e singulares revoluções. As transformações afinal se fazem no próprio seio da ação, o fazer engendra encontros, compõe e decompõe, pois: “Se o capital dita formas homogêneas de ser e fazer, é preciso saber que elas não são as únicas. O espaço para alteridade, num contexto como este, não preexiste a nada, ele é criado, precisa ser agenciado.” (GIACOMEL, *et al.*, 2003, p.147)

Precisamos, então, de agentes (GIACOMEL, *et al.*, 2003). Com as autoras entendemos que agenciamentos coletivos de enunciação de novos modos, diferentes, singulares de subjetivação são o único antídoto possível para a contemporaneidade que experimentamos, para reverter este quadro que paralisa as potências inventivas das coletividades.

---

## Referências

AMADOR, Fernanda Spanier. **Entre Prisões da Imagem, Imagens da Prisão**: um dispositivo tecnopoético para uma clínica do trabalho. 2009. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009, Porto Alegre, BR-RS. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/16313>> Acesso em: 21 jun. 2011.

COCCO, Giuseppe; VILARIM, Gilvan de Oliveira. Trabalho Imaterial e Produção de *Software* no Capitalismo Cognitivo. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 173-190, 2009.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

ENGELMAN, Selda; FONSECA, Tania Mara Galli. O que Pode o Corpo do Trabalhador? In: FONSECA, Tânia Mara Galli; ENGELMAN, Selda (Org.). **Corpo, Arte e Clínica**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004. P. 49-64.

FONSECA, Tania Mara Galli *et al.* Dos Modos de Existência das Tecnologias: um trabalho sem fim. **Fractal**: revista de psicologia, Niterói, v. 20, n. 2, p. 503-517, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A Verdade e as Formas Jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU Ed., 2009.

GIACOMEL, Angélica Elisa *et al.* Trabalho e Contemporaneidade: o trabalho tornado vida. In: FONSECA, Tânia Mara Galli; KIRST, Patrícia Gomes. **Cartografia e Devires**: a construção do presente. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003. P. 91-101.

GIONGO, Ana Laura. Da Organização do Trabalho Hoje às Doenças Ocupacionais: o que ler na L.E.R.?. In: ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE. **O Valor Simbólico do Trabalho e o Sujeito Contemporâneo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000. P. 265-270.

MÉTRICA de *Software*. In: **WIKIPÉDIA**: a enciclopédia livre. [S.l.: s.n.], 2014. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Métrica\\_de\\_software](http://pt.wikipedia.org/wiki/Métrica_de_software)> Acesso em: 22 nov 2014.

MORÉU, Blanca Callén; TIRADO, Francisco Javier. La Gobernabilidad virtualizada: tres prácticas de imperio y multitud en el ciberespacio. In: **Monografias.com**. [S.l.: s.n.], [2004]. Disponível em: <<http://www.monografias.com/trabajos901/gobernabilidad-virtualizacion-imperio-multitud-ciberespacio/gobernabilidad-virtualizacion-imperio-multitud-ciberespacio.shtml>> Acesso em: 13 ago. 2013.

NARDI, Henrique Caetano. **Ética, Trabalho e Subjetividade**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2006.

SERRES, Michel. Novas Tecnologias e Sociedade Pedagógica. **Interface**, Botucatu, v. 4, n. 6, fev. 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832000000100013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832000000100013&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 13 ago. 2013.

TITTONI, Jaqueline; NARDI, Henrique Caetano. Subjetividade e Trabalho. In: CATTANI, Antônio D.; HOLTZMANN, Lorena (Org.). **Dicionário de Trabalho e Tecnologia**. Porto Alegre: Ed. Zouk, 2011. P. 277-280.

*Submetido para avaliação em 21 de janeiro de 2013.*

*Aprovado para publicação em 27 de julho de 2014.*

**Ana Luisa Poersch:** Faculdade de Desenvolvimento do Rio Grande do Sul – Porto Alegre – RS – Brasil. *Email:* ana-luisapoersch@yahoo.com.br

**Luis Artur Costa:** Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Porto Alegre – RS – Brasil. *Email:* larturcosta@gmail.com